

O FORMIGUEIRO

JORNAL PARA TODOS

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO XAVIER DA CUNHA

Off. de J. L. de F. à Soc. Nov. Lavoura 2-V-1925.

| | | | | |
|--------|---|--|------------------|-------|
| =1881= | ASSIGNATURA (PAGA ADIANTADA) | PUBLICA-SE ÀS 2. ^{as} -FEIRAS | ESCRITORIO | N. 99 |
| 3 ANNO | Anno ou 48 numeros, 600; semestre 300; Para fora augmenta a estampilha. | 2. ^a -FEIRA 12 DE DEZEMBRO | Rua de S. Damaso | |

GUIMARÃES, 11 DE DEZEMBRO

E' sobremodo notavel a passagem do snr. administrador substituto pelas regiões do poder administrativo! Ganha muito com isso, porque ficou sendo abominado, escarnecido, e despresado por muitos dos que o julgavam, com ou sem razão, um homem de logica e de senso.

Não é porque acredilemos que a ordem terminante expedida por elle para fechar botequins e vendas, seja de arbitrio seu, e não o crêmos por dois motivos: 1.^o porque s. s.^a não parece dotado de tanta fertilidade intellectual que dêsse um parto tão monstruoso; 2.^o porque lhe faltaria a força precisa para a pôr em pratica, visto que a authority superior o não coadjuvava e antes o tinha de condemnar. Provou, porém, a sua pouca logica desde que com a prohibição commetteu o escandalo de pôr a cidade em completo alarme, por ser rigoroso com uns estabelecimentos e docil, delicado, amavel com outros por serem uma especie de *collegio de minus*.

A delicadeza é um predicado que assenta perfeitamente ao individuo, mas no ramo de administração publica é feia, quando cambia para a protecção, porque torna o individuo injusto e até ás vezes despota. Assim aconteceu a s. s.^a por

causa do botequim da Tulha. Não mandou intimar as suas donas quando mandou intimar os dos mais botequins, e se mandou a ordem não se cumpriu, porque o botequim fez negocio todas as noites até alta hora, e o resultado foi calcular-se que s. s.^a as protegia ou ellas compraram a demora do empregado que procedia a esse trabalho.

Porque não teve s. s.^a o mesmo rigor para todos os estabelecimentos? Porque quiz prejudicar uns e dar a outros occasião de auferir bons resultados da sua stulta lei! Nós presenciamos durante a ultima semana, os agentes da segurança passar pelo botequim de que fallamos, depois das 11 horas, vél-o aberto que tanto importa ter a porta cerrada, e dar ingresso a quem quer que chegue sem se incommodarem com isso, e sem darem a participação que decerto deveriam dar. Seria o proprio snr. administrador substituto quem lhe encheu assim os olhos de poeira, recommendando-lhe *vista grossa* para elle? E' crível.

A lei porém é igual para todos e s. s.^a tendo de proceder contra alguém é restrictamente obrigado pela sua dignidade, pelo seu caracter, pela sua honra a proceder contra todos os mais. Manda-o a equidade e o bom senso e ordena-o a lei.

Nós temos por costume dizer o que sentimos e s. s.^a talvez nos censurê, ou alguém, mas d'essas censuras não nos importamos porque despresamms sempre quem as faz. Porque um individuo seja admistrador substituto n'um concelho qualquer não se segue para nós que esteja livre de ser stigmatizado quando os seus actos assim o permittam.

Se s. s.^a não queria que fallassemos da sua incoherencia fosse justo, embora severo, ordenando que as intimações fossem feitas a todos os botequins no mesmo dia para não haver labiryntho nem prejuizos. Não o fez, e sem se lembrar que a dignidade do cargo de que está investido não admite desculpas, tem a ingenuidade de dizer que os culpados d'essas irregularidades foram os empregados que procederam ás intimações!

Por Deus! Um administrador assim, parece-nos só proprio para a ilha dos Pygmeus ou para a Parvonia! E não admira porque o snr. dr. Domingos Meirelles é um cavalheiro d'estes que estão constantemente a denunciarem-se pelo riso...

O SNR. ADMINISTRADOR SUBSTITUTO E O JOGO

Não temos ainda conhecimento de

FOLHETIM

RECORDAÇÃO

AO MEU PSEUDILECTO AMIGO MIGUEL PINTO DE SOUSA IMENES

Era uma linda tarde de primavera, d'essa estação que é o sorriso das campinas, e o perfume da terra.

O ar estava repleto de aromas, e a viração corria amena.

As aves desafiavam-se em melodiosos gorgeios por entre os densos arvoredos.

Os campos revestiam-se d'um manto verdejante, todo esmaltado de boninas.

Era á hora em que os alegres pastores regressavam dos montes com seus rebanhos de brancas ovelhinhas, que eu costumava ir sentar-me perto da fonte onde as joviaes aldeãs vinham em busca da agua.

Era este um sitio encantador. Um caramanchel de verdura e flores abrigava a fonte cuja agua corria com um doce murmurar. Os rosas e laranjas em flôr saturavam o ambiente de perfumes.

N'este local esperava eu com ansiedade Rosa, a mais gentil das camponesas que ora sempre a ultima a vir á fonte...

Tinha a pureza de cecem e a modestia da violeta; em seu olhar o brilho das estrellas, e na falla todas as melodias balbuciadas nos canticos dos rouxinoes. Era linda a mais não ser!

Typo de formosura!...

Nunca Angelo o sonhou mais bello para os seus modelos...

Depois de ter enchido o cantaro sentou-se a meu lado; e de mãos dadas conversavamos... e sentiamos amor.

Tinha suprema elegancia no dizer e em suas palavras havia uma transparencia immaculada.

Que encantados momentos aquelles! que extasis, que ventura!...

Como era bondosa e candida!...

Algun tempo permanecemos em silencio; não pensavamos em mais do que amarmo-nos.

Até que o anoutecer nos veio despertar. Não se podia demorar mais, pois que a noite desdobrava já o seu longo manto, fulgurante de pedraria.

Despedimo-nos...

Collei-lhe os labios n'um beijo...

Se tu, meu caro Imenes, visses Rosa... e áquella hora... decerto, que lhe não chamarias *fêra* como em tua linguagem algumas vezes tão mysteriosa costumias cognominar ás camponesas.

Quando me retirei d'esse sitio para mim tão querido, a lua derramava já por sobre a aldeia o seu clarão côr de perola.

qualquer medida repressiva que tenha tomado o snr. administrador substituto para cohibir o jogo. Acaso s. s.ª jogará também? A' vista da sua indolencia n'este assumpto parece que sim.

O jogo n'esta cidade é franco e só lhe ta apparecer de dia como se faz em algumas feiras. Depena o incauto, esbulha o artista, deixa muitas familias a passar fome, mas o snr. administrador faz-lhe o mesmo que a dama faz ao seu cãosinho branco: põe-lhe a mão por cima, acaricia-o e chega-lhe a isca. O snr. administrador tira o artista do botequim ou da venda e impurra-o para a casa do jogo!

E ainda ha quem o censure! Parvos! Um funcionario assim é que convém, porque tem o tino preciso para não fazer nada em geito...

Pois não será edificante, não será até magestoso vêr as vendas e botequims fechados do principio da noite e as cavernas do jogo com as suas portas abertas de par em par para quem se quizer entreter um bocado no innocente passatempo da batota? Claro que é, e s. s.ª sabe o que deve fazer? Vamolo aconselhar, apesar de não precisar dos nossos conselhos: para tapar a bocca ao mundo não esteja lá com mais *tir-te* nem *guar-te*, salte para a rua com os seus subordinados e individuo que encontre pespegue com elle na batota!

Para grandes homens, grandes empresas.

Demasiado caricato

E' demasiado caricato o que se está passando com os sellos n'esta cidade. Em muitos dos depositos não os ha á venda e além d'isso chega até a haver falta d'elles na propria direcção do correio por os não mandarem para a recebedoria!

Isto parece incrível, mas é verdade. Quando quererão os snrs. encarregdos d'este assumpto tomar as providencias indispensaveis?

Caricato! Tres vezes caricato!

Festejos escolasticos

Foi solemne a chegada do pinheiro que os estudantes levantaram no campo de S. Francisco. Adiante do carro vinha uma porção d'elles, todos de carapuça vermelha, a tocar tambor; em seguida o carro, puchado por seis juntas de bois conduzindo o pinheiro que tem cento e tantos palmos de comprido, ladeado por uma immensidade de estudantes com archotes acesos. Atraz vinha a Philharmonica Vimaranesense a tocar o hymno escolastico. Pôde-se dizer que o pinheiro trazia tres musicas: a dos tambores, a da enorme cheiadeira dos carros e a da philharmonica.

O magusto, as posses e as cavalhadas

celebrou-se tudo com o maximo esplendor e a maior ordem.

Contaram-nos que o snr. administrador Meirelles, sem saber como havia de fazer conhecer aos estudantes que não era nenhum *lagalhê*, e tinha alguma importancia, ós mandou prevenir de que não fizessem nada, sem primeiro irem á administração lavrar um *termo de responsabilidade*...

Sabendo-se que os estudantes teem estes festejos como privilegio, sem authorisação superior, é de dizer ao snr. Meirelles que... *cebolorio!*

E não ha-de a gente rir-se á farta!...

BEATRIZ

Co'a fronte altaneira e mago o olhar
Estava na janella, mui garbosa,
Soberba como em maio a branca rosa,
Zombando do aquilão que a vae beijar.

E contemplando os jovens, no folgar,
De Nicolau mirava a festa airosa,
Maçãsinhas colhendo á mão briosa
Que buscava co'a a lança amor domar.

E p'ra mim, nem ao mênos ella olhava!
(Ingrato *sexo amavel!* *Vós ó bellas!*...
Se fallar-lhe podesse, eu lh'o affirmava:

Que é contada em o numero d'aquellas,
Que em viva voz dissera quem prégava
«Do mundo social ricas estrellas!

Braga 7 de dezembro de 1881.

BRAULIO CALDAS.

E o que sahirá d'alli!...

Não é facil de saber o que virá a sahir d'uma obra que a illm.ª camara deixa andar a fazer n'um predio da Senhora da Guia. Um acresceto de madeira, uma capoeira perfeita, que ameaca tragar o infeliz que passe n'aquelle sitio e prejudicar as propriedades proximas, porque com um pouco de temporal, o desabamento é inevitavel.

A illm.ª camara precisa de olhar por aquillo e mandar apear, porque é melhor remediar antes da desgraça succeder.

Almofada da Rainha

Acabamos de receber um exemplar d'um folheto de 24 paginas, com o titulo que nos serve de epigraphe. E' uma parodia escripta pelo snr. dr. José de Freitas Costa, recebedor d'esta comarca, á poesia do snr. Thomaz Ribeiro, intitulada — *O Tear da Rainha*.

Escusamo-nos a dizer nada sobre esta producção do mimoso poeta, porque demais o conhecem já os leitores. Basta só que digamos que é do snr. Freitas

Costa, uma das mais possantes intelligencias que ennobrecem a terra.

O ULTIMO SUSPIRO

M. C.

Se ouvires um cantico funerio,
Que te vá ferir o pensamento,
E' a voz do soffrer, mais que cruento,
Que levou teu amor ao cemiterio!

Soffrendo já a ultima agonía,
Não pôde esquecer um só instante,
Aquelle a quem jurou amor constante
Soluçando o nome de... Maria!!!

Jota.

COMMUNICADOS

Snr. redactor.

No ultimo numero do seu jornal deparei com uma declaração assignada por tres membros da commissão do bazar de prendas da Associação Artistica, na qual se diz que eu por encommenda d'algum ando propalando seca e meca contra os referidos membros. Esta declaração não deixa de me surprehender, porque eu no que effectivamente disse e não nego, que é o não quererem elles fazer a entrega do dinheiro liquido dos bazares, não levei em mira offender ninguem, pois que ao contrario julgo serem todos pessoas de probidade, mas sim demovel-os a fazer a entrega exigida pelo 4.º secretario da Associação, como é de justiça, visto o dinheiro ser preciso. Tambem não tem menos graça a tal *encommenda d'algum*. Desejava que me dissessem a quem se referem, pois que eu não tive quem me encommendasse nada, mas sim os documentos que existem a provar o que lhes digo. Guimarães, 4 de dezembro de 1881.

Christovão José Coelho Rodrigues.

Snr. redactor.

Tendo conhecimento das intestinas e prejudiciaes guerras que tem soffrido na Associação Artistica o snr. José Francisco d'Almeida Guimarães, causadas ou não pelo seu maior ou menor zelo no desempenho do seu cargo, eu pasmo que s. s.ª ainda tenha caracter para andar de porta em porta a pedir votos para se eleger como vice-presidente em uma lista forjada á ultima hora.

Na verdade, quem assim tem tanto affincio a um cargo não pôde fugir ás aduncas garras da calunnia—se o fôr—nem pôde estranhar que se lhe diga que elle quer fazer figura, quer fazer favores á custa alheia, etc., A proposito do dis-sabor que me causou esta noticia, lembrou-me que o snr. José Francisco procederia melhor se tratasse simplesmente d'outros cargos que lhe foram confiados, como o de thesoureiro de Nossa Senhora da Oliveira dos Alfaiates, por causa d.

que pôde vir a soffrer algum vexame, em vista de não ter dado contas ha 4 para cinco annos, segundo me parece, nem ter feito a festa que era de uso e costume. Eu no seu logar era o que fazia, porque não admittia que alguém pensasse sequer que negociava em couros com o dinheiro das irmandades, e tambem não esperava que os irmãos fossem, como parece, que estão resolvidos a ir, queixar-se á authoridade competente.

E' um conselho que lhe dá
Guimarães 9 de
dezembro de 1881.

Um irmão.

Snr. redactor.

Peço a V. a bondade de declarar se eu sou o auctor da correspondencia inserta no seu jornal n.º 96 de 13 de novembro proximo passado.

Pela publicação d'estas linhas lhe fica muito agradecido quem é
Montemor-o-velho 5
de dezembro de 1881.

Joaquim Simões.

(Segue-se o reconhecimento)

Em abono da verdade, declaramos que o snr. Joaquim Simões não é o auctor da referida correspondencia, nem para a sua publicação influíu.

A REDACÇÃO.

1640

«Viva o Quarto João do throno herdeiro!
—Trôço d'heroes em Ulysses brada:
«Viva João—repete o reino inteiro:
Subito exulta a patria restaurada.

Viale—Bosquejo Metrico da Historia
Portuguesa—Canto IV. Oit. I

Não venho, senhores, contar-vos assombros
De Lysia narrando as heroicas façanhas:
Gigante que eu fore, não eram meus hombros
Columna condigna de glorias tamanhas.

Eu venho lembrar-vos agora somente
Um feito de arrojo no meio dos mais:
—Quebrar-se a Castella o dominio insolente,
Em Lysia plantado após dias fataes.

Quarenta fidalgos de antiga nobreza
O jugo de Lysia quebraram pesado:
E Pinto Ribeiro foi alma da empresa,
Nos filhos do Minho de jús memorado.

E nós escholares da Bracara-Augusta,
A's glorias do arrojo tambem nos juntamos:
—Aqui com o povo, n'essa era vetusta,
Nas ruas e praças o feito exalçamos.

Trouxemos a campo o senado entre vivas,
Repiques de sinos, e palmas e bravos:
—As nossas phalanges, em ondas activas,
Saudavavam os nossos, libertos de escravos.

E' que o sol da liberdade
E' o sol da mocidade,
Como sol por excellencia!

Quem roja grilhões captivo,
Não pôde dizer-se vivo;
Que não goza da existencia!

Assim os nossos passados,
Em dias amargurados,
Nem eu sei como viveram!
Foi por isso, n'este dia,
Que de novo a autonomia
Por seu arrôjo tiveram!

Nós d'elles agora a temos:
Porisso unidos brademos,
Invocando a Providencia:
—Viva a nossa heroecidade!
—Viva a nossa liberdade!
—Viva a nossa independencia!

BRAULIO CALDAS.

CORRESPONDENCIAS

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)

Coimbra, 8 de dezembro de 1881

Tenho que pedir desculpa das irregularidades que tenho commettido no desempenho do cargo que me ineumbi. Já estou velho, muito maçado e não posso escrever. Muitas vezes, quando o agente d'esta folha me pede para lhe fazer a correspondencia, até tremo! Agora, por exemplo, que eu estava pouco resolvido a escrever, apparece-me elle e intima-me para fallar do seguinte:

Aqui entre nós, muito proximo, no Olival de Monte Arroio, existe uma raposa de dois pés, que não deixa parar uma folha de couve aos individuos que lá tem terras arrendadas, e que se julga ser filha de Pedr. . .

Ha um queixoso, que já mandou vir da Serra da Estrella um lobo, para vêr se caçava a raposa, e um outro que já comprou uma ratoeira para o mesmo fim.

Finalmente todos os inquelinos dos terrenos do Olival de Monte Arroio estão de prevenção para vêrem se agarram a dita raposa e mesmo como as oliveiras agora tem azeitona pôde ser que caia o tordo; porque isto de raposa, é uma pequena desconfi. . .

Por hoje leitores despeço-me, e pôde ser que não torne a escrever para este jornal, porque como disse estou velho, e cançado, já não estou para maçadas.

Adeus.

Gaipeiro.

Fafe, 3 de dezembro

Conte-me cá menino Carlos; como foi que cahiu por aquella parede que nós sabemos? Foram os sapatos que lhe fallaram quando ia a fugir para a mãe o não vêr? Pobre criança que ao tempo que cahiu amagou o chapéu e sujou as suas mimosas e córadinhas faces! Mas para que lhe não torne a acontecer outra, deixe-se de passeiar para os lados do cemiterio.

—Sempre é de admirar! Não haver opposição á eleição da camara, nem que

fosse ao menos até ás vesperas, já quanto dos nós a esperavamos, porque assim nos puseram n'esse costume. . .

Vimos no «Imparcial» e no «Comunicação do Porto umas coisas com respeito a dois senhores aqui de Fafe.

São dois sujeitos d'estes que quere rogar-se grande importancia. Muito fias e consequentemente muito pedantes, elles nem sequer valem o que pesam, isso mesmo que são abundantes em terra que poderiam fornecer para um cento de predios.

Um usa bigode e pera; appresenta-se com apparencia d'alguem e faz-se respeitar mesmo á força da sua eloquencia de sobela.

O outro, esse então basta dizer que não esquece a cór do seu sangue. . . A cada passo diz que é tão nobre que o sangue que lhe gira nas veias é azul. . .

Faz lembrar o desgraçado demente que chama doido ao individuo com quem falla para lhe tirar a occasião de lh'o chamar.

Caricaturas. . .

Beja-Flôr.

ANNUNCIOS

DESPEDIDA

ANTONIO Monteiro Osorio, das Caldas de Vizella, tendo de retirar-se por algum tempo, para a sua terra natal, e não podendo despedir-se pessoalmente de todas as pessoas da sua amizade, o faz por este meio e pede desculpa d'esta involuntaria falta, offerecendo o seu fraco prestimo em Colorico da Beira.

Vizella, 8 de dezembro de 1881.

Antonio Monteiro Osorio

NOVO RESTAURANTE

DE

JOSÉ D'OLIVEIRA REDE JUNIOR

(NO ARMAZEM DE VINHOS DE VILLA POUGA)

Previne o publico em geral que abriu um novo restaurante, aonde se encontrará a toda a hora tudo o que seja exigido da arte culinaria, feito por uma cozinheira de fãra, mandada vir expressamente.

Para os srs. passageiros terá excellentes camas, nas quaes se encontrará a maior limpeza e accio.

A's quartas e domingos ha tripas, feitas como no Porto.

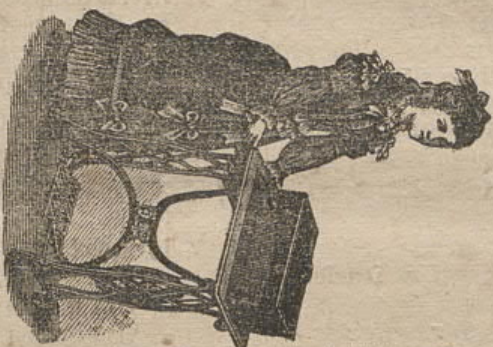
Fazem-se jantares para fãra, havendo a prévia encomenda, e tambem se faz toda a qualidade de doce.

Pede por isso a todo o publico em geral e aos seus amigos em particular que o auxiliem, dando-lhe a preferencia á sua casa.

MACHINAS DE COSTURA

GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS
EM

MACHINAS



Luiz José Gonçalves Bastos, com estabelecimento de fazendas brancas e **UM GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS** a rua de S. Damaso, previne o publico em geral que acaba de receber um novo e completo sortido de **MACHINAS DE COSTURA, ALTA NOVIDADE**, entre as quaes: **Machinas com pedal de pendula e Machinas com pedaes magicos**—Estas machinas são tão vantajosas para a pessoa que trabalhe nelas, que todos os medicos as recomendam para cohibirem o cansaco que as outras causavam. Além d'isso o seu aperfeiçoamento é tal que são privilegiadas por todos os governos, o que é decerto uma prova da sua superioridade.

Não se enganem. Estas excellentes machinas só se encontram na rua de S. Damaso. Todas as machinas tem caneleros automaticos, que dão um resultado no ponto incomparavel ao de outra qualquer machina. Esta novidade só se encontra a venda n'este deposito.

Não se illudam com os pomposos annuncios d'outros depositos, porque esses **SÓ TEM MACHINAS DE UMA QUALIDADE**, pelo que não podem servir bem os compradores. Aqui ha-as de todos os authores, para se vender á escolha do freguez e se não ter de **impingir gato por lebre**.

As machinas são garantidas. Eshino gratis, em casa dos compradores, como se tem feito sempre. Concertam-se machinas de todo e qualquer systema, por preços baratos.

Já chegou grande sortido de machinas de **fazer meia**. São tão vantajosas que podem fazer **20 pares por dia!!!**

Os preços de todas as machinas é entre 10\$000 reis até 60\$000. Tambem n'este estabelecimento se encontra um lindo e variado sortimento de papéis pintados para forrar salas, de 10 a 80 ré 1\$800 reis. Sortimento de agulhas, retrozes e outros para machinas.

MACHINAS DE FAZER MEIA

Venda de vinhos do Douro

QUEM quizer comprar, por junto ou em porções, os vinhos abaixo relacionados e pertencentes a uma casa muito acreditada, dirija-se a Antonio José da Silva Basto, da rua de Santa Luzia, da cidade de Guimarães:

Vinho 1851, 1 pipa

- » Roncão de 1870, 2 pipas
- » Malvazia de 1872, 1879 e 1880, 3 pipas
- » Moscatel de 1872, 1870 e 1880, 4 pipas
- » Alvaralhão de 1879, 1 pipa
- » Velho, 3 pipas
- » Bastardo velho, 2 pipas
- » Prova secca, 2 pipas
- » Tinto fino, 2 pipas
- » Tinto de meza, 3 pipas
- » Lagrima, 6 pipas
- » de consumo, 13 pipas
- » de meza, 22 pipas
- » branco, 7 pipas

Geropiga branca, 2 pipas
Aguardente fina, 1 e meia pipa.

Alquilaria lisbonense

Travessa de Donãs n.º 15 e 17

ALUGAM-SE diligencias, victorias, caleches e char-a-bancs por preços os mais rasoavel possivel. Com filial em casa da senhora Maria Thereza Cardoso—a viuva Chapelieira—na rua de Camões n.º 22.

Proprietarios,
Antonio José Pereira Lisboa & C.ª

NINGUEM TEM FRIO AOS PÉS

No deposito de calçado á rua de S. Damaso n.º 115, vendem-se chancas para homens e creanças por preços baixos em relação á sua optima qualidade.

Em o mesmo deposito ha bom sortimento de calçado de sola para homens, senhoras e creanças, que se vende por preços rasoaveis.

DEPOSITO DE CALÇADO

28—RUA DE S. PAIO—30

N'este estabelecimento, ha pouco aberto n'esta rua, encontra-se á venda um bom sortido de calçado para homem, senhora, e criança, tudo por preços excessivamente **BARATOS**. Calçado para homem a principiar em 1\$600 reis; dito de duas sollas, de 2\$000 a 3\$000 reis.